

**Estimado(a)s leitor(a)s,**

Há mais de 2300 anos, Aristóteles concluiu que, acima de tudo, homens e mulheres buscam a felicidade. Nestes primórdios do século XXI, o movimento científico em torno deste tema parece ter entrado em efervescência. As 560 páginas do livro *Happiness: A history*, escritas pelo Prof. Darrin McMahon, Ph.D., da *Florida State University*, lançado em 2005, teve a sua primeira edição esgotada já nos primeiros meses do ano. A constatação do Prof. Dr. Pedro Demo, renomado pesquisador da Universidade de Brasília, de que a "felicidade é o que mais se busca todo o dia, embora seja o que menos se alcance o dia todo", e mesmo assim, segundo ele, continua sendo um tema "escorraçado da academia", é fato que também observamos nas Universidades brasileiras. Incluir o tema da felicidade nos debates acadêmicos tem sido o objetivo das atividades que coordenamos na Rede Lusófona de Estudos da Felicidade – RELUS, desde o final do primeiro semestre letivo de 2005, contando com o apoio de 30 felicitólogo(a)s que, entusiasticamente, buscam compreender o fenômeno da emergência da felicidade nos dias atuais, mesmo que seja para descobrir que "no fim das contas, todos a procuramos. E, de vez em quando, a achamos – pelo menos por algum tempinho (...) e, aí, durante quinze minutos, somos felizes", na provocação do psicanalista lacaniano Dr. Alfredo Jerusalinsky, em sua palestra "Felicidade, Neurociência e Psicanálise", proferida no dia 16 de setembro na UNIFOR, a terceira do ciclo de palestras promovidas pela RELUS neste semestre. Ou, ainda, que felicidade não se busca, "a felicidade deve acontecer naturalmente", nas palavras do criador da *Logoterapia*, Prof. Dr. Viktor Frankl; ou, mesmo, que a "felicidade consiste na capacidade humana de preservar o self", como defende o neurocientista Antonio Damásio da *University of Iowa*. Estudando ocidentais e orientais, descobrimos, nas experiências destes últimos, que "o objetivo da vida é perseguir a felicidade", conforme os ensinamentos do Budismo Tibetano emprestado à voz do Dalai Lama. Assim, como filósofos, psicólogos, neurocientistas, espiritualistas e economistas, para citar apenas alguns, estamos engajados, há séculos, na discussão da felicidade humana. As pesquisas da RELUS estão apenas iniciando, e, esperamos, ao longo dos próximos anos, construir comunidades de aprendizagem com profissionais lusófonos, dos mais diversos campos do saber, interessados no estudo desse tema.

**Prof. Cavalcante Junior, Ph.D.**

Coordenador da RELUS



## **FAROLETE**

**Informativo da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade**

ano 1, número 3 – outubro de 2005

Coordenador da RELUS: Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D./UNIFOR

Líder da RELUS: Yuri Sales (PIBIC/CNPq/UNIFOR) – [yurisales@edu.unifor.br](mailto:yurisales@edu.unifor.br)

Editor do FAROLETE: André Feitosa (PBICT/FUNCAP/UNIFOR) – [andre\\_feitosa@msn.com](mailto:andre_feitosa@msn.com)

Envio de contribuições (até o dia 20 de cada mês) para: [relusunifor@gmail.com](mailto:relusunifor@gmail.com)

Leia as edições anteriores do Farolete no site: [www.cavalcantejunior.com.br/relus](http://www.cavalcantejunior.com.br/relus)

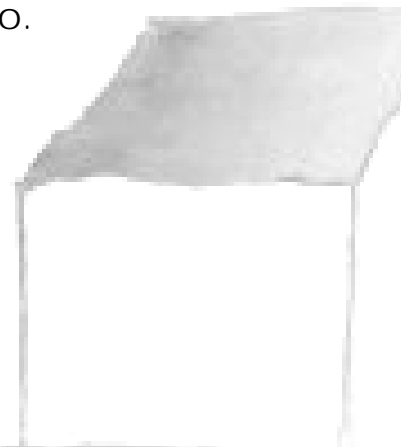
Impressão: EXPRESSÃO GRÁFICA; Tiragem: 1.000 exemplares



A RELUS faz-se presente no **I MUNDO UNIFOR – I MOSTRA DE HUMANIDADES – da Universidade à Universalidade**, entre os dias 3 e 7 de outubro de 2005, promovendo o **mini-curso: "A Felicidade sob múltiplos olhares"**. Confira programação final em: [www.unifor.br](http://www.unifor.br)

Dizem que em algum lugar, parece que no Brasil, existe um homem feliz.

– *Maiakovski* (1893-1930), poeta russo.



ALEXANDRE MOURÃO  
 ANA CAROLINA DE ANDRADE  
 ANA LUISA LIMA  
 ANDRÉ FEITOSA  
 AMORIM NETO  
 ÁTILA MONTENEGRO  
 CAROLINA DAMASCENO  
 CLÍCIA JATAHY  
 DAVID BARBOSA  
 DEYSEANE LIMA  
 DIEGO DE OLIVEIRA  
 FÁTIMA HOLANDA – mestra  
 FRANCISCO ABUD  
 FRANCISCO S. CAVALCANTE JUNIOR – Coordenador  
 GEORGEANNE PINHO  
 HELTON THYERS  
 LÚCIO GOMES – mestrando  
 MÁRCIO GONDIM - mestrando  
 MARIA DOMINGAS CÂMARA  
 MELINA DE ANDRADE  
 MHARIANNI CIARLINI  
 PATRÍCIA SOARES  
 PAULO COELHO  
 PEDRO MAGNO  
 REBECA ESCUDEIRO  
 REBECA ZAUPA  
 RENATA GIAXA – mestranda  
 RENATA SANTANA – graduanda  
 SILVIA CAVALCANTE  
 TEREZINHA JOCA – mestra  
 YURI SALES – Líder, bolsista de pesquisa

*A logomarca da RELUS foi criada pelo publicitário, formado pela UNIFOR, Leonardo Martins Dourado.*



▣ A estrofe esquecida de “A Felicidade” – “Todo mundo conhece “A Felicidade” (“Tristeza não tem fim, felicidade sim...”), clássico da bossa nova, composto por Tom Jobim e Vinicius de Moraes, (...) O que não é muito conhecido é uma estrofe desta música que só localizei em uma gravação (...) Eis os versos, cantados por Vinicius: **“A felicidade é uma coisa louca/ Mas tão delicada também/ Tem flores e amores de todas as cores/ Tem ninhos de passarinhos, tudo isso ela tem/ E é por ela ser assim tão delicada/ Que eu trato sempre dela muito bem”.**” (Fábio Gomes, disponível em: [www.brasileirinho.mus.br/arquivomistura/12-250803.htm](http://www.brasileirinho.mus.br/arquivomistura/12-250803.htm)).

▣ “Para continuar com a língua, sempre tão reveladora, é curioso que há uma série de adjetivos correspondentes à felicidade – feliz, ditoso, afortunado, venturoso, bem-aventurado, e os negativos correspondentes –, porém **não há um verbo da felicidade. Será por que a felicidade não é uma ação?**” (Julián Mariás, *A Felicidade Humana*, 1989).

## Ensaio :: Esta que não chega, aquela que não morre {por Áttila Montenegro}

André Comte-Sponville, em seu livro “A felicidade, desesperadamente” (2005), inicia o diálogo afirmando que todos nós desejamos ser feliz e que a felicidade é o fim de todas as nossas ações. A busca da felicidade é evidente, nós a sentimos, e tanto mais nos angustiamos quanto mais longe ela nos parece.

Os grandes filósofos da humanidade se ocuparam muito do tema da felicidade, o que implica que a filosofia e a busca da felicidade estão intrinsecamente ligadas, porquanto a filosofia também busca a “verdade”, que é um remédio contra a fugacidade; e não é a fugacidade que faz nos sentirmos vazios e infelizes?

Percebemos-nos incompletos, então, desejamos o que nos falta – o tempo todo. O objeto é continuamente substituído, e a felicidade se torna apenas um ideal. Quando, ao contrário, conseguimos o que desejamos, então, não nos reconhecemos felizes, mas entediados, e, logo, desejamos um outro algo que nos falte. “A visão só pode fazer a felicidade de um cego”, diz o autor. Alfredo Jerusalinsky, em sua recente palestra, defendia que “para ser feliz é necessário ser surdo; mas não surdo no sentido de uma deficiência sensorial-auditiva, se não absolutamente incapaz de se instalar no campo da linguagem”.

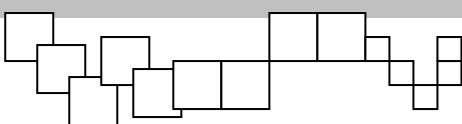
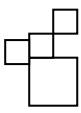
Logo, “estamos constantemente separados da felicidade pela própria esperança que a busca”, afirma Comte-Sponville. E Pascal nos diz: “Assim, nunca vivemos, esperamos viver; e, dispondo-nos sempre a ser feliz, é inevitável que nunca o sejamos”. A solução, então, passa a ser a fuga, o esquecimento, o fingimento. Muitos preferem acreditar, e esperar, a felicidade para depois da morte, outros se conformam na esperança do amanhã. Em outros momentos, desejamos o que não nos falta e somos um pouco felizes, “quinze minutos de felicidade”, mas é essa uma felicidade por demais fugaz, lembrou-nos Jerusalinsky.

Resgatando, aqui, as idéias do psiquiatra Carl Gustav Jung, posso expor algumas outras idéias de felicidade, muito embora tome a felicidade por um sentimento inefável; deste modo, mais do que uma idéia, é uma crença, a minha concepção de felicidade, já que não há como fugir da necessidade de acreditar e partir de algo, ainda que sejamos nós mesmos.

Então, acredito na felicidade, que ela está em nós mesmos, que não carece de um objeto externo e tão pouco de desejo. Jung parece concordar, julgando que somente com a total integração de todos os **eus** e de todos os complexos existentes, poderíamos alcançar uma experiência de felicidade plena e duradoura. A isto, ele denominou “individuação”, e acrescentou que somente com o trabalho de individuação podemos colaborar numa humanidade melhor.

Comte-Sponville, porém, nos fala da esperança, que só esperamos o que não depende de nós. Esperar é desejar sem gozar, sem saber e sem jamais poder. Segundo ele, então, a felicidade também é desejar, mas desejar e gozar, saber e poder, embora, consultado Sigmund Freud, descobriríamos, certamente, que não haveria, nunca (exceto na morte), a satisfação total do desejo, o fim total da tensão, concluindo-se que, por inferência lógica, não poderia haver felicidade. Mas é justamente deste caminho que Comte-Sponville extrai e nos oferece a sua fórmula do *desespero*. Desespero, aqui, é usado no sentido etimológico, que significa ausência de espera, de esperança. O que implica dizer que, para ele, a felicidade é uma experiência daqueles que já não têm nada a esperar porque têm tudo, porque o presente lhes oferece possibilidades sem fim, e isto basta ou sacia-lhes. Mas que, disso, não entendamos que é necessário amputar a esperança de nós, alerta Comte-Sponville. Na verdade, o que devemos fazer é desenvolver a nossa potência.

Para o desfecho, o autor opta nos esclarecer um último ponto, e discorre: “A felicidade não é um absoluto, é um processo, um movimento, um equilíbrio, só que instável (somos mais ou menos felizes), uma vitória, só que frágil, sempre a ser defendida, sempre a ser continuada ou recomeçada”. A felicidade, então, não nos facilita com uma exatidão, ela nos impulsiona a viver. Foram muitos os que tentaram, e tentam, explicá-la, cada um ao seu modo. Comte-Sponville nos trouxe uma felicidade de natureza desesperada. Então, por que não somos felizes? Porque a esperança é a última que morre, diria ele; infelizmente?



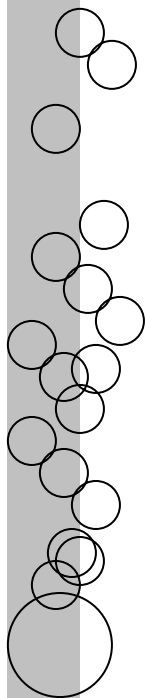
## Fotografia textual :: discussão fenomenológica acerca da felicidade

"(...) As mentioned earlier, happiness is an empirical reality. Happiness is possible because it is actual; it is actual because we experience it. It becomes an experience when we foretaste a concrete infinitude of meaning and value. It is true that our experience of this infinitude is contradictory; but to recognize a contradiction is already to guess that there is an elimination of the contradiction. Certainly, our experience of happiness is insufficient, but one would not feel this lack if he is not aware "somehow" of a genuine or perfect happiness.

It is undeniable that we can know happiness only in its fleeting for Even so, that which we feel in its essence must be genuine or perfect. Here we see the value of the highest happiness as expressed by St. Thomas Aquinas. Accordingly, "*perfect happiness could never be recognized as existing if we do not possess an intimate though implicit or inadequate, intuition of happiness*" (Summa Theologiae). What is noteworthy in this consideration is that this intimacy is a manifestation of man's third level of consciousness. Consciousness is never wrapped up in itself and an awareness of man's empirical limitation only suggests a forecast of existence of a perfect or genuine happiness, a transcendental forecast (Merleau-Ponty, 1962). Readers may see here a form of unity between consciousness and the untamed notion of genuine happiness.

Unlike the other modalities of consciousness, this form of meaningful assent best describes the true phenomenon of happiness. In its endeavor, the identity of both the subject (the happy man) and true happiness remain undiluted. The basic notions of joy, contentment, rapture and liberation are what can be considered as limiting situations in existential term. In the terms used by Jaspers and Kierkegaard, they are symbols for man's longing for the infinite. They serve as classical position for man's journey toward the unknown. What is quite disappointing here is that man, in his awaiting sees his journey in its finality. And for this reason, more it becomes disappointing than anything.

Accordingly, happiness is openness. It is always a mode of existing which places oneself outside oneself. A happy man does not find himself in a state of alienation that has to be overcome; the perceiving consciousness is never perfectly with itself. Rather, in his attempt to be happy, he must not be contented with what is at hand; he must go beyond his own experience. This is what I could refer to as an awaiting, a transcending anticipation." – Jose Alejandro S. Tenorio ("Transcendental Anticipation: A Phenomenological Reflection on Happiness", disponível em: <http://www.dasma.dlsu.edu.ph/colleges/cla/paradimo/archives/vol5no1/tenorio.htm>)



## Confraria da Felicidade

"(...) A busca da realização, a aspiração à felicidade é próprio da pessoa, dos seres espirituais, é um 'querer' dado pela natureza, como explica Pieper: "*Afirma-se que queremos a felicidade, por natureza. Nós, isto é, todos os seres espirituais. Somente uma pessoa, um alguém, pode ser feliz ou infeliz. (...) São Tomás não se cansa de exprimir sempre em novas formulações este pensamento: 'O homem quer a felicidade por natureza e por necessidade' (I, 94, 1)*" (Pieper, 1969, p. 11).

O desejo de felicidade é, então, um querer natural, próprio da natureza humana, que a constituiu segundo esta direção e forma. Esta vontade natural de felicidade age como uma força de gravidade, sobre a qual o homem não tem nenhum poder, mas para a qual tende inexoravelmente, irresistivelmente. O homem está instalado na felicidade, e o fato de uma experiência feliz não perdurar para sempre é algo que "*o afeta exteriormente, mas não em sua condição interna que pede perduração. (...) Ser feliz é pretender continuar sendo feliz.*" (Marias, 1989, p. 265) Portanto, a felicidade está vinculada à autenticidade da vida humana, à possibilidade de relacionar e integrar cada aspecto parcial com um ponto unitário, na busca da realização total, da plenitude do viver humano". – Sílvia R. R. Brandão ("A Vocaçao Humana: uma Abordagem Antropológica e Filosófica", disponível em: <http://www.hottopos.com/vidlib7/sb.htm>).

## & aisthesis ::

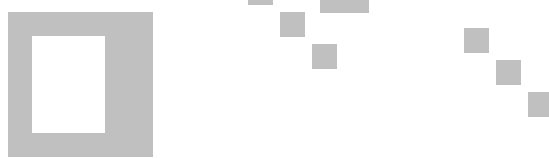
"EXPOSIÇÃO – Armando Mattos – O artista, que atua também como curador, produtor e catalisador na cena artística carioca, criou uma instalação no anexo da galeria Laura Marsiaj (Rio de Janeiro) em que faz brotar do chão duas plantas artificiais, uma Costela-de-Adão e uma **Árvore da Felicidade**, que também "protagonizam" a série de fotografias "**A Felicidade de Adão**". A fotonovela mostra um casal no paraíso, encenando a mentira das relações pessoais e sociais: a "performance" resultou de uma colaboração entre Mattos e Laura Lima." (Folha de São Paulo, FOLHAmais!, 25/09/2005)

"(...) O eterno sonho da alma desterrada,/ sonho que a traz ansiosa e embevecida,/ é uma hora feliz, sempre adiada/ e que não chega nunca em toda a vida.// Essa felicidade que supomos/ árvore milagrosa que sonhamos/ toda arriada de dourados pomos// existe sim; mas nós não n'a encontramos,/ porque está sempre apenas onde a pomos/ e nunca a pomos onde nós estamos" – Vicente de Carvalho, poeta.



Mulberry Tree, Van Gogh, 1889.

O que isso te faz pensar, lembrar e sentir? Compartilhe conosco.



## Mural de notícias ::

Nessa edição do FAROLETE, destacamos um dos mais novos, e importantes, *Felicitólogos* brasileiros, **Paulo Lima** (foto), de São Paulo, **Editor da REVISTA TRIP**. Abaixo, na íntegra, o e-mail enviado pelo Prof. Cavalcante Jr., aos membros da RELUS, e que melhor justifica a nossa menção:

Prezado(a)s membros da RELUS,

A Revista TRIP (n.º 136), de setembro de 2005, traz um dossiê maravilhoso sobre a Felicidade. O editor da revista, o jornalista Paulo Lima de SP, ex-advogado, e, hoje, surfista e apreciador da vida, esteve comigo e o André, no Canadá, em junho último, participando do II Congresso da Felicidade Interna Bruta; o único jornalista do Brasil. Há meses ele vinha preparando uma edição especial sobre a Felicidade, tendo viajado ao Butão (linda reportagem nesta revista!) e encarregado a sua equipe de fazer uma edição cheia de vida, e, assim, vejo uma revista brasileira que, pela primeira vez, não "derrama sangue ou corrupção". A Revista Trip já existe há 20 anos no Brasil, sob a batuta do Paulo Lima, mas, infelizmente, é muito difícil de ser encontrada em Fortaleza (talvez nas maiores bancas ou na do aeroporto, onde encontrei o meu exemplar). Vale a pena ser lida a edição de setembro, e, quem sabe, assinar as onze próximas onde serão desenvolvidas as temáticas:



"Seremos mais felizes conforme . . .

1. Formos capazes de conhecer e compreender a interdependência entre os órgãos que compõem nosso corpo físico, bem como nossa mente e nosso espírito, dedicando tempo para conectá-los e mantê-los saudáveis;
2. A qualidade e quantidade do nosso sono, a forma como descansamos e a forma como despertamos;
3. Possamos ter abrigo com conforto, espaço e dignidade em doses razoáveis, acesso à riqueza material, de forma que se possa viver o mais longe possível do horror da miséria e o mais próximo possível da alegria da generosidade;
4. Possamos ter acesso à educação, instrução e treinamento, de modo a expandir nosso próprio potencial da maneira mais ampla possível, para que se possa viver melhor e compartilhar os benefícios dessa existência mais iluminada com os outros;
5. Possamos conhecer, entender, respeitar e apreciar outras formas de pensamento, modelos de vida, culturas, filosofias, raças, opiniões, cores, expressões artísticas, físicas e culturais de modo a compartilhar valores e somar vivências;
6. Possamos nos sentir seguros, acolhidos e protegidos na família, na comunidade e na sociedade em que vivemos;
7. Possamos viver e compartilhar um ambiente natural limpo, com ar, água, luz, espaço, sons e imagens que possam garantir bem-estar e saúde, preservando e garantindo sustentabilidade futura desse ambiente [você no centro];
8. Possamos expressar nossa própria criatividade, idéias e opiniões de forma livre, sendo respeitados em nossas crenças e éticas e respeitando os demais;
9. Tivermos a possibilidade de desenvolver um trabalho que gere prazer para si e para o outro. E, quando não for possível, encontrarmos prazer para si e para o outro no trabalho que se tem para desenvolver;
10. A quantidade e qualidade de tempo dedicado a produção, preparação e fruição dos alimentos. A qualidade dos próprios alimentos e a capacidade de eliminar o que deles não pudermos aproveitar; e
11. A quantidade e qualidade de tempo dedicado ao espírito, à mente, à alma, ao que está da epiderme para dentro e aos relacionamentos humanos que nos são mais caros e especiais."

Por fim, a TRIP traz uma entrevista com o psicanalista nordestino (de Pernambuco), e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, Prof. Dr. Jurandir Freire Costa, cujo grupo de pesquisa também esteve estudando "Em Busca de Espinosa". Ele define: "*Felicidade é o sentimento de que nossa vida está se realizando segundo nossos projetos ou intenções*". Penso que teremos muito o que falar nos próximos encontros.



### Sugestão de leitura:

*A Natureza do Bem* (De Natura Boni), Santo Agostinho. Edição bilingüe (latim/português) da Editora Sétimo Selo. R\$ 33,00 ([www.edsetimoselo.com.br](http://www.edsetimoselo.com.br))



### O Farolete da RELUS procura ::

VOLUNTÁRIOS DE PESQUISA FLUENTES EM ALEMÃO E EDITORAS INTERESSADAS NA TRADUÇÃO DAS SEGUINTE OBRAS INÉDITAS EM PORTUGUÊS...

"O ano de 2002 marcou o trigésimo aniversário da primeira tradução em português do livro *Psiquiatria Clínica* de Mayer-Gross, Slater e Roth (1976), que foi escrito quase integralmente por Mayer-Gross (...) É possivelmente o único tratado de **Psiquiatria Clínica escrito com o espírito da escola fenomenológica de Heidelberg**, publicado no Brasil pela editora Mestre Jou (...) foi o porto seguro de toda uma geração de psiquiatras, contribuindo para uma virada na direção de uma psiquiatria clínico-fenomenológica na época áurea das correntes antipsiquiátricas das décadas de 1960 e 1970. Hoje, porém, injustamente caiu no esquecimento, tal como seu autor. (...) **Wilhelm Mayer-Gross** nasceu na cidade de Bingen (Renânia) em 15 de janeiro de 1889 (...) Estudou Medicina em Heidelberg, Kiel e Munique, tornando-se assistente da Clínica Psiquiátrica de Heidelberg em 1912. Em 1913 defendeu seu doutorado "**Sobre a fenomenologia dos sentimentos anormais de felicidade**" (*Zur Phänomenologie abnormer Glücksgefühle*)"

- Destacado de: CORDAS, Taki Athanássios; LOUZA, Mario Rodrigues. Willy Mayer-Gross (1889-1961). *Rev. psiquiatr. clin.*, 2003, vol.30, no.4, p.116-120.

"**Escola de Utrecht** pode ser legitimamente considerada a original e mais profícua contribuição holandesa ao debate internacional sobre a fenomenologia. Trata-se de uma agregação bastante variada de psicólogos, psiquiatras, pedagogos, educadores, pediatras, sociólogos, criminologistas, médicos e acadêmicos, todos orientados fenomenologicamente (...) **Henricus C. Rümke** (...) pode ser considerado o pioneiro entre eles (...) utilizando a noção de "intuição empática" de Karl Jaspers, ele continuamente completava a **dissertação *Phaenomenologie en Klinisch Psychiatrische Studie over het Geluksgevoele*** ("**Estudos fenomenológicos e psiquiátricos sobre sentimento de felicidade**") de 1923 (...) Segundo Rümke, a condição que determina o estado de saúde está em estreita relação com a capacidade de integração da pessoa, em uma sociedade que permanece fortemente desagregada e desagregante; contrário ao isolamento do paciente, ele se pronuncia a favor de sua reintegração na vida civil e social."

- Destacado de: Manganaro, P. (2004). Desenvolvimentos da fenomenologia nos Paises Baixos. *Memorandum*, 7, 8-17. Disponível em: [www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/manganaro02.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/manganaro02.htm)

Patrocinadores da RELUS, anunciem neste espaço.